

ENTREVISTA – DIAPHONÍA – v. 6, n.2 – 2020

Neste segundo número da *Diaphonía* em 2020, a Revista entrevista a Professora Mestre Edy Braun, hoje ex-docente aposentada do Curso de Graduação de Filosofia da UNIOESTE. A Revista agradece, desde já, o aceite do convite pela sua participação especial nessa edição.

D [Diaphonía]

EB [Edy Braun]

D – A professora poderia reconstituir um pouco sua biografia, contar um pouco sobre sua formação e o que lhe motivou interessar-se pela Filosofia?

EB – Eu sou Edy das Graças Sgarabotto, de nascimento, e Edy das Graças Braun, de casada. Sou de origem italiana; uma mistura entre italiano, português e índio, bem brasileira, no sentido geral. Nasci em Pato Branco, sudoeste do Paraná, e fui criada no interior, numa chácara, até os cinco anos. Fui alfabetizada aos quatro anos por uma menina que estudava num colégio de freiras, que ia de férias para o interior, na casa dos pais. Já lia fluente aos quatro anos; já desenhava. Fui alfabetizada embaixo de um pé de laranjeira, com um espinho como lápis; mas a única coisa que chegava até lá era a Bíblia; então foram as primeiras leituras que fiz. E a Bíblia que tinha lá era em italiano, inclusive. As primeiras leituras que fiz foram do Novo Testamento. Só tinha figura na capa, o resto era tudo pergunta e resposta: “quem é Deus?”, essas coisas. Então, tendo aprendido a ler cedo, sempre me interessei pela leitura; e sou de um tempo em que não havia ilustração nos livros, então a imaginação era extremamente desenvolvida, porque cada cena, cada imagem, era recriada na imaginação. Sempre fui apaixonada pela natureza; mas eu tive um tipo de criação em que ao mesmo tempo que vivia em contato direto com a natureza, fui criada com uma moralidade um pouco acentuada. Os meus avós eram católicos, meu avô era italiano, e eram defensores da honestidade, do trabalho, da justiça, e sempre faziam questão de acentuar isso na educação dos filhos deles (porque eu fui criada pela avó e pelo avô). E nessa criação a minha avó tinha um outro neto que ela criava, que era um pouco mais velho que eu. E ela dava todas as liberdades a ele, e a mim não. A mim, em geral, a liberdade era restrita, era: “isso não pode”, “isso não deve”, “isso menina não faz”, e isso me levava a me perguntar desde muito pequena “por que eu não?”, “por que os outros sim e por que eu não?”. E essas perguntas foram se acentuando e a imaginação foi se desenvolvendo muito, porque ao me perguntar, ninguém respondia, já que criança não era gente, não se respondia às crianças. As perguntas não eram consideradas, eram consideradas bobagens, curiosidades bobas das crianças, então eles não respondiam. E eu procurava as respostas por minha própria conta. Conversava com as estrelas, com a lua, com as árvores, com

os animais, era apaixonada pelo arco-íris, e me dizia todo o tempo: “um dia eu vou aí aonde você vai”. Então, o interesse pela filosofia é natural em mim, como a poesia. Eu comecei a escrever versos aos quatro anos. Eu já fazia quadrinhas e me divertia com elas, eu brincava. Para mim, o melhor brinquedo deste mundo era ler e escrever, ou desenhar, fazer as bonecas de milho; achava o mundo e a vida uma maravilha, mas descobri, por exemplo, que precisava de pai, quando eu tinha uns nove anos. Antes disso, eu nunca precisei deles, porque eu tinha uma avó e muitas mães... Aprendi a ler muito pequena e depois, quando fiquei maiorzinha, minha avó me devolveu para a minha mãe, que foi trabalhar na cidade para me criar. E não podendo ficar comigo, ela me mandou para a um colégio interno. Ela era amiga de uma madre de um convento, onde só tinham juvenistas, meninas que estudavam para serem freiras. Não era um colégio normal, para estudantes. E como ela me amadrinou, eu fui morar no colégio, fiquei bastante tempo lá. Eu saí de lá grande, e no colégio interno eu tinha disponíveis todos os romances do cristianismo. Tinha tanto coisa boa como ruim; por exemplo, eu li romances de 400 páginas. Eu devo ter lido uns 12 ou 13 livros dessa espessura, até os nove anos, por aí. Mas, ao mesmo tempo, eu li porcaria também, já que as irmãs tinham livros proibidos. “A Prostituta”, de Sartre; “Navalha na carne”; “Muros Altos”, de Cassandra Rios; Adelaide Carraro (deste modo considerados pelas irmãs)... Essas obras estavam todas lá e, como eu era a única criança no convento eles não me vigiavam, e eu fazia o que bem entendia no tempo livre. Tinha horário de estudos, as meninas, todas mais velhas, todas mais de 14, faziam as minhas tarefas, ajudavam nos bordados, me penteavam, me cuidavam – eu fui cuidada por um bando de mulheres, eram muitas, mais de 80 moças que estudavam lá. E também aprendi a desenvolver o gosto pelas perguntas, pelos segredos, havia sempre muito segredo. Havia moças que eram mandadas lá porque os pais não queriam que se casasse com alguém. Poucas delas, no que me lembro, iam lá pelo gosto de serem freiras; algumas estavam lá para serem escondidas. Então, vivi num mundo já povoado de segredos, de medos e de pudores, e percebi isso muito cedo. Com os romances do cristianismo, em contraste com essas obras que também li, apesar de ainda bem jovem não ter entendido muitas delas, fui desenvolvendo o prazer da leitura, e o prazer de procurar as próprias respostas, já que ninguém respondia a uma criança. Lá, cantei, aprendi a cantar, cantei em coral, dei catequese. Aos sete anos, eu já dava catequese, já fiz a primeira comunhão, porque era muito desenvolvida para a época e para as circunstâncias, e porque as meninas, em geral, não estudavam nessa época. As meninas que estudavam iam para os conventos. E as de casa eram preparadas para trabalhar em casa, para cozinhar, passar, lavar e costurar. E eu vivi num mundo bem diferente do normal das meninas. E sempre fui me perguntando do porquê do segredo, sempre procurando as respostas. Adorava uma fresta e um buraco de fechadura, porque

eu sempre achei que o que as pessoas fecham e escondem é porque têm segredo, e o segredo é sempre alguma coisa que não pode ser vista, não pode ser entendida. E isso me levou à filosofia, que é uma perguntadora, nunca respondem, só se pergunta. Então, eu acho que nasci filósofa! As circunstâncias da vida foram bastante artificiais em relação ao mundo que eu tinha vivido até os cinco. Dos cinco aos nove anos, por aí, eu tive um mundo bem alheio à realidade lá de fora. Muita oração, muito trabalho, muito bordado, muito estudo, muita leitura e muito segredo. O diabo, os anjos da guarda, os demônios, essas figuras, esses mitos eram muito ressaltados. E uma moralidade muito... mas uma moralidade de certo modo falsa, porque se dizia as coisas, se cobrava da gente, se ensinava, mas as irmãs não se portavam tal qual elas exigiam da gente. Então eu fui introduzida ao estudo da moral antes de entender muito o que ela fosse. Eu fui me preocupar com a honestidade, com a justiça, por coisas da infância. Minha avó dizia para os filhos homens que “preferia um morto do que um ladrão”, e para as filhas moças: “prefiro *vadia* que desonesta”, era uma expressão que ela usava. Eu sou naturalmente uma filósofa e uma poeta, sempre fui. E a poesia, como é irmã da filosofia (se não for a mãe), me ajudou muito a escrever a respeito do que eu sentia. Havia uma diferença entre o que se dizia, o que se cobrava, e os sentimentos das pessoas, os meus sentimentos. Eu sempre fui muito adiantada, sem exagero, em relação às outras moças. As moças com 14 anos não tinham nem a desenvoltura e nem a leitura que eu tinha, eu sempre fui muito admirada, e me habituei com isso. Quando saí do colégio interno já tinha 4ª série; depois fiz exame de admissão e 5ª série num grupo escolar, um estudo muito diferente para mim. Eu sei que podia ter pulado todas as séries, porque eu devia ter ido direto para a 7ª ou 8ª série, porque a escola foi uma patinação. Depois, casei cedo, fiz magistério e acho que a melhor formação para uma mulher é o magistério, até hoje, porque ensina psicologia, ensina o trato das pessoas, métodos e técnicas; não porque eu devesse ter seguido, mas porque sabia que existiam técnicas e métodos que podiam ser recriados conforme a circunstância, conforme o aluno. O magistério me encantou muito, gostei muito dele. E eu fui minha própria professora! As professoras vinham de Curitiba para o interior dar aula; e davam aula e iam embora no fim de semana. Então uma época faltou uma das professoras de psicologia e as irmãs me elevaram à condição de professora da minha própria turma, então fui minha própria professora, no magistério. O que aconteceu também aqui no curso de Filosofia: também fui minha própria professora. Eu fiz Estética, Cosmologia e Teodiceia, que são as disciplinas que eu dei. Em Estética eu fui minha própria professora. Isso não está registrado, mas são coisas interessantes. Quero falar da minha formação: eu fiz, antes da Filosofia, um curso quase completo de Ciências Físicas e Biológicas. Não concluí por causa de uma gravidez de risco de menino. Fiz uma série de disciplinas de Administração de Empresas e depois fiz algumas de Economia Doméstica. Então,

antes de vir para cá, eu já tinha formação universitária, praticamente um curso concluído. Eu fiz três áreas diferentes. Gostei muito das Ciências, achei que acentuaram a minha curiosidade filosófica, mas acho até hoje que a Filosofia devia ser dada antes das Ciências, porque uma ciência sem uma base interrogativa, investigativa, de modo filosófico, não se aprimora, não se desenvolve, fica muito rotativa, muito repetitiva; mas me valeu muito, fiz uma pós-graduação em Antropologia Filosófica. Por que fiz essas coisas? Porque em cada lugar que eu fui morar eu me aproximava das pessoas que tinham o interesse que eu tinha. Então, em Pato Branco só tinha Administração de Empresa, fiz algumas coisas lá. Daí, em Francisco Beltrão, tinha só Economia Doméstica, eu fui fazer Economia Doméstica, fiz o que estava mais próximo. Depois, quando vim para Toledo, em 1981, eu não tinha nenhum curso universitário concluído, estava quase terminando o curso de Ciências, no RS. Então, vim para cá e havia Filosofia e Economia. Como eu ia conhecer as pessoas? Como eu ia me entrosar aqui? O João veio professor de lá, eu também, de primeiro e segundo grau desde 1972, mas levei quase um ano para conseguir um trabalho. Então, imediatamente, eu fui para a faculdade, de 1981 a 1983. Era particular, era a FACITOL. E caiu nas coisas fáceis para mim; adorei a Filosofia, achei muito interessante! Ela era um pouco direcionada para os pensadores católicos, cristãos, mas foi muito útil, porque minha formação era toda essa. Gostei muito da Filosofia, tanto gostei que acabei sendo convidada para ficar como docente, do curso de Filosofia e do curso de Economia na disciplina de História Econômica e Administrativa do Brasil. Comecei a lecionar Ciências e Matemática sem concurso; depois me concurrei e me efetivei como professora de História, Filosofia, Psicologia e Sociologia; me dei bem. As áreas não eram problema para mim. Ao vir p UNIOESTE fui convidada para dar Cosmologia, Estética e Teodiceia, e também lecionei Antropologia, Metodologia Científica; Teoria do Conhecimento; História, nos diferentes cursos da UNIOESTE. Também trabalhei oficinas de redação. Concluí a Filosofia; então eu poderia ter todos os créditos das outras disciplinas. Fiz pós em Antropologia Filosófica na Federal do Paraná, que foi um curso que eu destaco como relevante. Não pus esses outros créditos no meu currículo; parei de atualizar em 2002, mas tenho uma porção de projetos que fiz nesse trajeto. Eu sou apaixonada pela Filosofia, sou apaixonada pelo pensamento correto, pelo esforço, pelo desenvolvimento da imaginação. Eu sou partidária da intuição! Acho que a intuição é uma forma de conhecimento que nos integra no mundo e nos põe interagindo no mundo; acho fantástica. O que eu não sou é cartesiana. Acho que é muito curto para mim, apesar de ter feito o exercício bárbaro de pegar o método da dúvida de Descartes e usá-lo para explicar o método da dúvida! Acho que é o único trabalho no mundo, inclusive.

D – A professora também teve uma importante atuação junto ao Ensino Médio. Como foi essa vivência?

EB – Aqui, trabalhei 18 anos no magistério, mas ao todo, desde 68, por aí, já estava lecionando, mesmo antes de entrar na faculdade. Eu comecei enquanto aluna, em 70 já fui minha própria professora, como eu contei, no magistério. Dei Psicologia no magistério já antes de entrar na faculdade. Eu era aluna do magistério e dava aula no magistério. E depois, em 72, eu entrei para a faculdade, fui fazer Ciências no Rio Grande [do Sul]. E comecei a lecionar Ciências e Matemática. Depois, fui professora de Física, de Biologia, mas especialmente de História. Até hoje eu não sei como eu entrei na História, mas eu acho que é por causa dos créditos dos cursos que tinha feito. Comecei lecionar história e gostei muito. A História é uma das áreas mais difíceis de trabalhar, porque o fato sempre é encoberto, sempre é uma revelação de alguém oficial... E sempre me interessou, porque é o suporte de toda a Filosofia, é o suporte da história da humanidade como da história da natureza. Acho que a história é substancial. Ela é difícil, mas como eu tinha um vocabulário bem desenvolvido, por causa das leituras abundantes (sempre li muito), me ajudou muito. Eu tinha um domínio de vocabulário muito bom, e é preciso para a História. Além de uma memória extraordinária, também tem que saber fazer ligaduras, e neste ponto a Filosofia ajudava muito, quanto a perguntar: “por que?”, “onde foi?”, “quando foi?”, “quanto durou?”, “quem foi que fez?”, “foi ele mesmo que fez?”, aquelas clássicas perguntas “onde, quem, quando, como, por que, até quando, por quanto tempo” me ajudaram muito, tanto nas Ciências como na Filosofia. O Ensino Médio foi meu paraíso. Especialmente, eu lecionei a maior parte do tempo no magistério. Tinha me saído bem, adorava as áreas da Psicologia, de Teoria do Conhecimento, da Ética, da Estética, mas eu usei tudo que sabia, as leituras que tive; o canto e o teatro, a poesia, de que sempre tive facilidade (declamei muito na infância e na juventude, cantei também). Eu tinha uma prática social bastante abundante, então isso ajudou muito. No magistério criei muitos projetos. Sempre fui voltada para a criatividade, outros jeitos, outros olhares, outros modos de fazer, outros falares, que sempre me interessaram. Tanto que aqui a maior parte dos créditos que tenho são todos dos alunos do magistério. Fiz uma experiência de 1ª a 4ª, lecionando um ano na 4ª série. No caso, foi uma brincadeira, acabei tendo que lecionar numa 4ª série, numa escola de aplicação no magistério mesmo. O magistério foi meu berço. Eu utilizei a maior parte dos talentos que eu tenho, como o teatro. Fiz teatro na adolescência e juventude; declamava muito, gostava muito da representação, dessa ideia de valorizar os outros. Eu nunca tive dificuldade na escola, nem em lugar nenhum, ligado ao aprendizado, à comunicação. Até hoje acho que todos os meninos e meninas deviam fazer magistério. E os meninos também, para serem mais afetuosos, mais humanos, porque o magistério tem muito esse aspecto. Acho que a Filosofia deveria ter o

mesmo número que a Matemática. Ela deveria ser integrada nas outras disciplinas, mas não integrada de um jeito que um professor de Matemática dê Filosofia, mas eles poderiam trabalhar, por exemplo, a questão do enunciado. O professor de Matemática deveria aprender com o professor de Filosofia o que é o enunciado, como ele é construído, o que ele tem e do que se constitui. Aprender também o que é um argumento ou qual a lógica, já que o trabalho da Matemática é todo em cima da Lógica. A execução do trabalho é sempre por métodos, são jeitos de resolver os problemas, então se o aluno entendesse o que é método, facilitaria muito. Houve um período em que tentamos usar a Filosofia nas outras disciplinas e essas mesmas disciplinas na Filosofia, ou seja, aplicar a Matemática, História, Língua Portuguesa, Poesia, Educação Física, porém não funcionou. Deveriam ter núcleos de debates, a Filosofia deveria fazer núcleos, não precisava nem serem aulas regulares, poderiam ter encontros semanais sobre temáticas e juntar professores de diferentes áreas para eles exporem suas posições. E com isso usar os recursos, os textos e as referências, pois acredito que aulinha em que o professor vai lá e diz o nome do filósofo e lê aqueles textinhos é pura-bucha, não funciona. Claro que melhor ter isso do que nada, mas isso mal feito mais atrapalha do que ajuda. Fui uma professora de Filosofia que agradou aos alunos e a mim mesma, fazia acordo e eles respeitavam. Os meus alunos, ao invés de fugirem da minha aula, fugiam das outras para a minha. Minha aula começava com 25 alunos e terminava com 50, 60, 70. Eu dava aula de Filosofia no ensino médio e cheguei a ter 70 alunos; eles fugiam das aulas que não gostavam; por exemplo: Educação Física, Língua Portuguesa, Química. E, assim, eu acabava usando Filosofia nessas outras disciplinas, nas minhas aulas; como eu fui professora de formação múltipla, eu usava diferentes disciplinas para explicar as coisas. Sempre usava a História como bojo para trazer a origem: “de onde é que veio aquilo”, “porque que ele inventou”, “qual era a circunstância”, e através disso, gerar perguntas como: “porque será que ele fez isso”, “o que ele levou em consideração”.

D – Nas últimas décadas, a professora tem concentrado o seu trabalho para além da Filosofia, ou seja, tem se engajado numa importante rede comunitária junto às Oficinas de Artes. A senhora poderia nos relatar um pouco sobre essa experiência?

EB – Como a própria filosofia, eu também fui artista desde a infância. Era poeta, e sempre me interessei pelas matérias do mundo; por exemplo, barro, pelas plantas, pelos corantes que a natureza tinha, pelos coloridos, pelas formas. E, desde a infância, eu já fazia trabalhos de arte. Eu me lembro que na escola primária a gente era muito pobre, no sentido de que a gente não tinha em abundância esses materiais; para o interior não ia mesmo. Não tinha lápis de cor; era muito raro; quando a gente conseguia era quase um milagre. E as tarefas da

escola tinham que ser feitas. Eu me lembro que num dos trabalhos que eu fiz, que foi premiado inclusive, eu usei banha de porco com picumã, aquele pó preto do cano do fogão à lenha. E fiz trabalhos lindíssimos com esse material, porque era um material que eu tinha, ou fazia material com barro. Então eu fiz uma experiência natural com a arte, sem saber que ela era arte. Eu passei a fase dura brincando. Brinquei a vida inteira com o mundo, com as coisas, com as formas, com as cores, com os sons, com os trejeitos, com os bordados. Tive uma herança e uma herança maravilhosa nesse sentido. Ninguém me impediu de nada... E também acho que não ousariam, porque eu sempre fui muito ligeira. E a arte vem desde lá! Comecei a escrever poesia, comecei a ser premiada, escrevia crônicas e redações (antigamente, chamava redação, mas eram crônicas poéticas). Fui premiada muitas vezes. Eu ganhei concurso de declamação, fui declamadora oficial da escola, declamei no rádio, cantei em programas de calouros, sempre vim vindo bem nesse setor. Então, a arte sempre foi uma coisa assim, mas nunca tinha pintado com tinta. Quando fui interna para o colégio das irmãs, lá tinha uma irmã da Suíça que dava aula de pintura; mas eu era muito pequena; ela só dava aula de pintura para as grandes, mas eu nunca perdi uma aula. Ela me tocava, e dizia: “você não precisa, é muito jovem”, e eu sempre ia assistir e ver o modo de usar pincel. E criava meu próprio pincel com a palha de milho, com vassoura, com retalho de tecido. Não é novo para mim qualquer coisa que eu reinvente. Se eu fizer alguma coisa nova, de verdade para mim não é novo, nem para o mundo, mas, para os outros que nunca viram, porque eu sempre estive inteirada com e no mundo, sempre troquei muita experiência com ele. Então, a arte vem comigo toda a vida. Eu usei no magistério, por exemplo; fazia os mapas todos no quadro, logo que eu comecei a lecionar. Eu fazia todos os mapas à mão livre, não tinha mapa nas escolas. E como eu vim do colégio interno lá tinha mapas, era um colégio rico. Desenhava os mapas, as relações, as rotas. Vim desde jovem desenvolvendo essas habilidades e criando quadros comparativos, o que facilitou muito o meu trabalho. Quando eu cheguei na Unioeste, quando comecei a dar aula de Estética, achei que era muito maçante ficar falando lá na frente, lendo o texto; sempre acreditei que a obra inteira ou pelo menos o livro que tratasse daquele assunto devia ser lido; mas na minha época se tinha o hábito de ler a obra. Saber da vida do cara, onde ele morava, a história dele, porque ele escreveu aquilo. Hoje tem muito recorte do texto, o texto recortado e recortado, e acaba não se sabendo nada; mas a gente estudava um pouco mais aprofundado. E eu fiz experiências fantásticas na Filosofia. Eu me lembro quando comecei a dar Estética: eu tinha no programa “Tendências da arte” filosofia da arte misturada com psicologia da arte. Eu peguei as tendências da arte e fiz uma experiência com os alunos da filosofia. Nós tínhamos uma sala grande, que era a sala 09, no final do corredor. Pedi para tirar todas as carteiras e pedi aos alunos que levassem tinta guache e cartolina para a sala de aula. E eu fiz em papel bobina todas as

tendências da arte, com suas características; coleí tudo nas paredes e formei grupos. As turmas, no começo da filosofia, eram de 100 alunos. Nesse período, quando chegou a hora da minha disciplina, tinha uns 70. Eu transformei isso em 10 grupos e dei uma tendência para cada um deles. Eles tinham que ler o que estava escrito e transformar, usando a tinta, no papel em um borrão, de mostrar aquilo com tinta, e larguei eles lá no meio e deixei para ver o que acontecia. No começo se revoltaram, brigaram, protestaram, porque aquilo não era filosofia, não sei o que. Eu falei: “mas ajudar o pensamento com um propósito é uma tarefa da Filosofia, conhecer o material com que se lida é uma tarefa da Filosofia, a Arte precisa ser aproximada de vocês para ser conhecida”. Então eu fiz esses caminhos assim, que foi muito interessante e divertido. Na Filosofia houve um período em que eu fui adida cultural: eu fazia os eventos culturais da Unioeste; nem está registrado em lugar nenhum; acho que só as fotografias, mas fiz muito isso, fiz muitas exposições com as pessoas de fora, eu mesma fiz muitas exposições. Até que em 2002 eu achei que no relacionamento entre os quatro cursos que nós tínhamos (nós tínhamos Filosofia, Economia, Secretariado e Serviço Social) os grupos não se conversavam. Quer dizer: os professores de Economia não conversavam com os da Filosofia; os alunos não conversavam com os funcionários; os funcionários não conversavam com os alunos; os professores, de certo modo, não se interessavam muito por esse aspecto. E eu pensei que se se montasse uma Oficina de Arte poderia trazer os diferentes pares, criar pares entre eles, aproximar os cursos. O primeiro propósito das minhas oficinas de arte na Unioeste foi aproximar as pessoas dos diferentes cursos! Eles não são nem melhores, nem piores, são diferentes. E eu convidei todo mundo. Tivemos professores de Economia fazendo pintura junto comigo, junto com professores de Secretariado, junto com os professores de Serviço Social, junto com os professores da Filosofia e conversavam; foi um relacionamento fantástico. Depois abrimos para os funcionários, abrimos para os zeladores, guarda e para a comunidade; e isso vem vindo até hoje; foi uma experiência muito gratificante. Ainda vamos ver se continuamos depois dessa pandemia. Também fizemos projetos fora; fizemos um portal em Ouro Verde do Oeste. Meus alunos da Unioeste, que também eram alunos de Estética, fomos fazer um projeto lá em Ouro Verde do Oeste; fomos considerados padrinhos de Ouro Verde, na época. No governo do seu Roque fizemos aquele mural, que tem na entrada de Ouro Verde, com os alunos. Desenvolvemos lá a mesma técnica que tem na biblioteca da Unioeste; foi um trabalho extraordinário também. E aí vem vindo até agora! Depois fizemos o mural da biblioteca, também junto com o setor comunitário, da reitoria, junto com a Beatriz Dalmolin. Depois fizemos em outros *campi* também. Os murais que fizemos no [colégio] Castelo Branco - PREMEN também foram feitos pelos alunos da Unioeste. Nós fizemos os dois do ginásio de esportes do Castelo Branco. Os dois murais foram feitos com os alunos da Unioeste nas aulas

de Estética, discutindo forma, conceito, habilidade, talento, beleza, as variações, as percepções, sempre com esforço, dedicação, e sempre nessa direção de unir as comunidades e as diferenças, também muito produtivas, segundo os participantes. Por último, em 2018 fizemos esse banco da Unioeste em mosaico, também com os alunos do projeto “Arte no Campus”. E tem muita coisa; não dá para relatar tudo aqui, só algumas experiências apenas; mas é uma história inteira de arte! Pinteí, fiz muitas exposições pessoais, individuais, fiz muitas coletivas, estimulei a arte aqui. Fui membro do Conselho de Cultura três vezes, procurei estimular a arte aqui, e continuo fazendo isso. Faço parte dessa ideia de que a cultura é a alma do povo; e sem cultura acontece o que está acontecendo hoje, que entristece a realidade e empobrece. Acho que o mundo podia ser melhor se a cultura e a arte fossem mais desenvolvidas, porque a Arte, além de cultuar a beleza e desenvolver os talentos humanos, também faz a crítica do mundo, faz a representação do mundo. E se se pode ver o mundo de outro lugar, com outro *status*, isso enriquece as pessoas. A Filosofia precisa primar por isso, penso que é por aí! As experiências de Arte foram muitas. Oficinas de arte e poesia nas escolas. No primeiro ano (acho que primeiro, segundo e terceiro) as oficinas foram de poesia. Depois trabalhamos muito com crônicas e poesias na UNATI. Os primeiros grupos de poesia eram da UNATI. E os primeiros grupos de pintura não eram da UNATI, mas acabamos unindo os dois, que vieram juntos até uma altura. Depois foram separados e depois foram unidos de novo. Então havia “Arte no Campus”, que era um projeto separado; depois a UNATI, a Universidade da Terceira Idade. Então eu trabalhei nos dois, depois uni os dois e vim trazendo junto, apesar da diferença de habilidade e de interesse. Essas experiências de Arte fazem parte da minha vida e fazem parte do substrato mais elevado que eu tenho, meu desejo de perfeição e eternidade.

D – Qual sua posição relativa à disciplina de Filosofia no Ensino Médio em face da atual conjuntura nacional? Quais as implicações do ponto de vista das políticas públicas?

EB – Primeiramente deve haver o ensino da Filosofia nas escolas. Eu tive muito mais Filosofia na década de 60 e 70 do que hoje, e era ditadura. Eu tive Filosofia no ensino médio, e ela era muito bem aplicada, inclusive; estudávamos os clássicos e pelo menos uma obra por bimestre. Líamos e discutíamos o que o filósofo pensou e o professor dava suporte histórico e comparações com nossa realidade na época. Como estávamos vivendo nesse período de ditadura, ele explicava o conceito de política, o conceito de ditadura e fazia a comparação dos diversos sistemas políticos que o mundo tinha. O conteúdo de política era especialmente fantástico; estudamos a moral um pouco mais que a ética, também as grandes doutrinas. A Filosofia era estudada através de questões; se buscavam autores que as respondessem e se ia adicionando certa profundidade. E eu digo que a Filosofia hoje, com uma aula por semana, não dá para fazer Filosofia. Esse

tipo de divisão que temos tira a importância da disciplina, pois ela é necessária como suporte para as outras disciplinas; ela é a base para elas. Então deveriam ser, pelo menos, duas aulas por semana: mais longas, pois quando o aluno começa a raciocinar, a aula acaba. Os trabalhos são bons para exercício de matemática, que são imediatos, cálculos pré-estabelecidos que são fáceis, mas a Filosofia é um pouco diferenciada: a metodologia deveria ser mais voltada para o debate, o diálogo, as leituras, as críticas criteriosas e os exercícios de argumentação. Gosto da ideia de usarmos a tecnologia, filmes; mas, com sua devida compreensão, passados e discutidos ali, poderiam ser projetos, em uma manhã inteira de Filosofia. Assistir ao filme, e imediatamente discutir a moral da história, o conceito de justiça, de humanidade, de bondade, de finito, de infinito, de empatia, ou seja, as questões que tocam diretamente as crianças. Eu já tive problemas com alunos que não conseguiam distinguir os conceitos genéricos dos específicos, e isso é algo que deveria ser melhor trabalhado para que o aluno não fique confuso. E para isso, se houvesse mais Filosofia, a situação não seria essa; estaríamos com uma melhor escolarização. Não sou a favor do fanatismo e do dogmatismo; acho que devemos oscilar, devemos apresentar todas as tendências, com igual fervor, para que as pessoas façam suas escolhas por si mesmas, senão não há liberdade. Os modos atuais de divisões e tarefas não são muito úteis, mas entendo que melhor isso do que nada. É como digo: melhor andar com chinelo com prego embaixo, do que andar sem nada, porque queima a sola do pé. Em relação às políticas públicas, no meu entender, o discurso supõe aprofundamento, o que não se realiza de modo eficiente e completo; nenhum governo está interessado em resolver os problemas da comunidade. É preciso olhar as políticas públicas de outro lugar, outro patamar; a Filosofia poderia ser uma iniciativa. Um exemplo seria as instituições por elas mesmas conduzirem as pessoas para que houvesse uma legislação aberta, que permitisse que as diferentes instituições ou entidades criassem suas próprias políticas, pois uma política pensada, orientada e sustentada pelo governo nunca vai funcionar se for genérica de mais ou específica de mais. Ela pode ser maravilhosamente linda, teoricamente ou em seu projeto, mas na execução ela não chega onde tem que chegar. Com isso em mente: porque não partir de baixo? Tudo que vem de cima cai na cabeça! Esse início precisa vir do interesse das comunidades, dos grupos, tem de haver essa troca entre os grupos, pelo compartilhamento, que é uma palavra que está sendo usada muito hoje: o compartilhamento e convívio de experiências, ter essa interação. A mim preocupa a questão das políticas vindas de cima. Um grupo se junta e luta e luta para formar um projeto e resolver um problema e quando chega na hora de aplicar muda o governo... E assim repetidas vezes, um ciclo que se repete e não leva a nada! O governo brasileiro toma as iniciativas durante sua posse; em seguida a iniciativa volta a ser uma ideia na gaveta. A continuidade desses projetos deve ir além, ou aquém, do governo.

Políticas públicas, implantadas pelo governo, são problemáticas, mas ele pode estabelecer na Lei uma abertura que permita que elas sejam criadas e que os grupos as projetem, as organizem, as executem. O governo apenas daria a contribuição monetária para ajudar com que ela aconteça. Eu penso nesse sentido, porque o que vem de cima não dura, já que o interesse do governo também não dura. Não é de seu interesse resolver os problemas da sociedade; seu interesse é se manter no poder. Eu não vi nenhum governo que durasse o suficiente para fazer alguma coisa se consolidar nesse sentido. Fico me lembrando dos projetos, das metodologias e linhas de conduta da Educação. Todos os governos tinham esse problema; e eu dou aula desde 72 e estou na escola desde 55. A cada quatro anos ou a cada oito anos mudava tudo. Até que o cara se situe, até que ele organize seu pessoal e que as ideias sejam postas e se instruem os professores e chegue em sala de aula, morreu, perdeu o substrato, perdeu a substância; não tem mais adubo para deixar a ideia sobreviver. Por acharem que ela é muito desgastante acaba por não ser efetiva. Por isso se ela fosse mais aberta e fizesse parte de uma Lei ou de alguma coisa nesse nível, em que se permitissem essas criações conforme ao interesse dos estados, das comunidades, das instituições, teria uma durabilidade maior. Temos que notar também que os idealizadores morrem: até que suas ideias cheguem às pessoas é um processo longo e precisa ser algo mais harmônico, contínuo e atualizado. Precisamos sempre que os idealizadores interajam com os fazedores e com os interessados. Isso tem de ser algo mais comum para que essas pessoas se aproximem e que esses interesses sejam sempre atualizados, senão não funciona; e resta que a história anterior os alerte para os erros. Acho que a filosofia poderia ajudar muito a ensinar *o que é, como se adquire o conhecimento, o porquê de aprender*, o que é uma decisão pessoal. As pessoas não sabem o que é um argumento, o que é um propósito, um fundamento. As pessoas não sabem nem mesmo o que é política, o que é política pública e não tem noção do que isso implica. É algo que o governo dá; é isso o que as pessoas pensam: que o governo precisa dar bolsas para o pessoal, que tem que fazer vacina para as meninas não engravidarem, que combate as drogas, que elabora uma legislação para as mulheres; se a legislação fosse menos extensa e mais centrada poderíamos utilizá-la com maior efetividade, elegância e eficiência. Em relação à política pública, penso que poderia ser algo a nível de estado, algo mais aberto, porque as ideias morrem, as pessoas morrem e as mudanças devem ser estratégicas. Também sempre se morre de fome, de violência, por exploração, por destruição da natureza e há a violência sexual; essas são questões sempre importantes a serem vistas. Formação política é uma boa, mas de um ponto de vista filosófico e sociológico, e não sobre fanatismo e dogmatismo, porque o que se tem é crença, não se tem convicção. Hoje os partidos nem sabem o que são! As propostas deles não têm nada teórico, não tem propósito; simplesmente são formas de se garantir

no poder. De uma política pública numa conjuntura atual é de se esperar assistência e favor. E com uma Filosofia posta à serviço de um estado desses, estamos vendo o resultado aí: “eu mando”, “eu sei”. Os poderes não devem se misturar em suas funções; cada um deveria fazer o que foi feito para fazer, para que assim as coisas andem. Por isso penso que a Filosofia seria uma ajuda interessante para a formação dos idealizadores, executores e dos interessados. Eles têm que saber pelo que estão recebendo, que não é gratuito e que é demorado, é lento, e por isso tem de ser acelerado do ponto de vista dos interesses da ação conjunta do trabalho contínuo. E os governos não dão continuidade; o interesse não continua, mas a miséria continua, a ignorância continua e esses aspectos, através da Filosofia, poderiam se resolver; mas ela também não faz milagres, antes oferece recursos e teorias que servem como base para a leitura e a discussão dos problemas. No ensino médio a Filosofia tem que existir, mas ela deveria também ser obrigatória em todos os cursos do terceiro grau. Deveria haver projetos livres e soltos nas comunidades para que os jovens possam fazer conforme o seu interesse. Podia ter projetos de ética e moral, política, teoria do conhecimento e de estética. Projetos soltos na comunidade deveriam ser algo real, quando há três ou quatro dispostos e interessados, pois o mundo vai para esses três ou quatro, dessa aula, para a multidão. Eu sou do tempo em que a sala de aula batia 100 alunos na Unioeste. Eu dei aula para 100 alunos de Economia; talvez ensinei pouca coisa, mas fiz o maior esforço possível para fazer; mas eu saía insatisfeita porque ninguém ensina 100 alunos, pois em 100 alunos há 150 interesses. O mundo vai para grupos pequenos; é preciso formar esses grupos pequenos. O que eu vejo hoje é que os professores estão um pouco perdidos, porque o mundo mudou muito; mas é como eu digo: a humanidade e a natureza estão correndo riscos, então é preciso rever. Ocorrem então esses dogmatismos religiosos, esses fanatismos econômicos ou políticos, que são ignorantes, no geral. São ignorantes mesmo, não têm sustentação, mas acabam levando multidões, por causa de tecnologia, por causa de *fake news*. Se soubessem que isso é pré-socrático! Quem criou a tecnologia foi o primeiro macaco derrubando uma fruta com uma vara, que já a estava usando. E sempre usamos, de outros modos, porém menos acelerados. É preciso dizer isso para a comunidade, que o modo como estamos levando não é algo simples e tão contemporâneo assim. Eu sou a favor da leitura do texto, uma leitura mais contextualizada, mais ampla, não tão restrita e muito curta. Uma ideia não nasce pronta, ela vem sendo construída; esse processo tem que ser viabilizado. Sim, me preocupa não ter Filosofia no ensino médio, mas me preocupa não ter em lugar nenhum! Deveria ter filosofia nas igrejas, nas associações em forma de projetos. Nos lares, para se trabalhar a questão da humanidade, da honestidade, da justiça, da dignidade e do respeito. É preciso ter uma escola de pais para ensiná-los o que é isso, afinal de contas. O que é *educar*, qual a diferença entre *educar* e *ensinar*, o

que é aprender, para que aprender. Hoje você pensa que você não vai aprender nada; basta digitar ali, clicar no negócio e rodar o dedo para lá e para cá no celular e no computador e acha que tudo está resolvido; mas quem pensou no computador? O próximo computador: como vai ser? É preciso pensar que critérios usar para distinguir o que tem valor mais durável e mais justo. Eu sou do tempo em que se fazia uma carretinha de um carretel de linha e um elástico, um pauzinho que fazia a rodinha girar; a gente construía, a gente observava a natureza e transformava num material semelhante. Hoje nós estamos afastados da natureza, afastados das decisões, afastados do outro, individualmente; estamos juntos da multidão, não somos ninguém; e esse próprio ninguém é uma geração difícil; agora é preciso pensar até a multidão! Penso que a Filosofia é muito útil no Ensino Médio e para as políticas públicas; mas é preciso rever as próprias políticas, porque se você for ver quem as faz é um politiqueiro, em geral. O que penso, às vezes não é o que está interessando, às vezes é; e a quem é dirigido, nem sabe que isso existe; ele não sabe por que ele foi escolhido. Não tem liame, não tem ligadura, não tem consistência e não tem continuidade. Esses são todas as coisas que a Filosofia poderia trabalhar, mas é uma pergunta muito complexa para resolver. Eu acho que é preciso pensar; eu não tive esse zelo todo nesse período, mas é o que eu estou pensando nesse momento, acho que sempre pensei assim.

25

D – Qual a sua perspectiva para a filosofia no país? Que desafios a área tem pela frente, sobretudo no contexto geral da Universidade, bem como no Ensino Médio?

EB – A Filosofia no país, em uma conjuntura atual, não tem vez e nem sorte, porque o Ministério da Educação está essa bagunça. Os que estão lá são fanáticos ou dogmáticos, não querem ninguém esclarecido para criticá-los ou argumentar contra os seus atos e as suas ideias, essas que já por si só são curtas. A tradição foi abandonada e nada se pôs em troca para servir de base, para a leitura das circunstâncias; mas a Filosofia precisa resistir; é seu papel meter-se nas confusões e *esclarecer* as coisas. A perspectiva no país é de que ela seja amordaçada mesmo, como foi em muitas outras ocasiões; mas a Filosofia sempre sobreviveu à pressão e se autocria e recria na pressão; e acho que é onde ela germina. Penso que a crise do país só suscita a Filosofia, desperta aqueles que têm juízo, que têm um pouco de esperteza e inteligência a se porem na estrada de novo e discutir os problemas do país, e protestar e criticar; mas não uma crítica onde só se fale mal. Há quem pense que é só isso a se fazer; mas a Filosofia precisa usar critérios e fundamentos. O grande problema da Filosofia, do ensino da Filosofia, dos filósofos contemporâneos, é arrebanhar as pessoas por um simples falar mal. Está se falando muito mal do governo, não se argumenta, não se fundamentam as críticas. Há muitas conversas fiadas, muitas falas exageradas, muito oba-oba, um

dos grandes problemas é esse. A mídia e as redes sociais são muito propícias para isso. Hoje se tem os meios na mão: qualquer um pode acessar, qualquer um pode dizer e seguir uma possível desinformação. O primeiro ato que podemos sentir no momento é que a crise é de ideias, de atitude, de compromissos; as pessoas não assumem mais seus compromissos. Está voltando o livre-fazer: cada um faz o que bem entende, não tem mais critérios para julgar as circunstâncias, as ações, o estado, a justiça ou as pessoas em geral; não se tem critérios para nada e isso leva a muita leviandade, o que leva a esses falares descompromissados e gratuitos. A primeira atitude em relação ao país é que é o momento da Filosofia e é justo nesse momento que ela tem que entrar em ação. Fazer o que sempre fez: se não dá para fazer na praça, se faz nos porões, como já se fora feito outras vezes. Se não dá para fazer nas escolas, se faz nos encontros nas comunidades, nos bate-papos dos amigos, nas rodas de chimarrão; tem que fazer com que ela floresça. Aliás, ela não morreu! Há sempre alguém interessado, há sempre alguém preocupado, mas a preocupação sozinha não basta. É preciso tomar atitudes, *onde fazer*, *o que fazer* e quando abrir a boca, abrir a boca com argumento, com fundamento, com critério, porque a grande ação da filosofia foi formar pessoas que tenham senso crítico, capacidade de argumentação e capacidade de análise; o que significa que é preciso formar pessoas que sejam capazes disso. Como se formam pessoas que sejam capazes disso? Como a universidade pode formar profissionais de todas as áreas, sujeitos, pessoas ou indivíduos (seja lá que tendência seja abordada) capazes de fazer isso, analisando as circunstâncias à luz das teorias? Não adianta você recortar e recortar múltiplos autores, sem um direcionamento desses em mente, sem ter em vista um propósito, uma realidade, que se deve ser analisada, julgada criteriosamente. Então a perspectiva do país é de que está na hora de a filosofia se acordar, está na hora de os pensadores acordarem e rever o que fundamenta suas posições em vista da sobrevivência da natureza e da humanidade. Devem tomar uma atitude, porque esse foi o risco, porque a ditadura é o que se mostra aqui. A ditadura uma vez era sofisticada; agora ela é tão de “livre fazer” que as pessoas aceitam como se fosse coisa do cotidiano; é preciso analisar as circunstâncias sobre esse critério. Estão aí o Karnal e o Cortella tentando fazer alguma coisa, sozinhos, do jeito que podem, sujeitos a todas as dificuldades, a seus próprios nomes e suas próprias circunstâncias, que essa situação coloca. Acho que é bem essa a perspectiva do país, a de urgência de pessoas formadas, indivíduos que pensem, que sejam capazes de escolher bons governantes. É preciso formar os políticos, formar os governantes, formar pessoas que sejam responsáveis pelos seus atos, pelas suas ideias. É preciso retomar as grandes ideias, grandes tendências, reutilizá-las e pô-las no confronto dos problemas contemporâneos e ver como elas podem responder aos problemas contemporâneos; e se não o podem se deve abandoná-las. As grandes linhas do pensamento universal têm que ser revistas; devem ser

aplicadas na resolução de problemas contemporâneos; se elas não derem conta, criamos outras. O que não temos é testado as teorias à vista dos problemas. E se perguntar: “afinal, o que há de novo no horizonte humano?” (Não é a hora de rever os Pré-Socráticos??). Os alunos saem com recortes de múltiplos autores, conforme os doutorados e seus professores. Eu tenho visto muito isso: o cara termina o doutorado e aquele mínimo que ele aprofundou é só o que ele ensina. Isso é um baita problema; não é só aqui: todos os lugares em que eu estive, todos os lugares em que fui convidada a ir, é essa a ideia. Ou tem uma única ideia e ela nem é sustentada; é posta e exigida a ser repetida. Isso é uma doença; é uma mediocridade; mas todo filósofo, bom pensador, sabe disso. Toda pessoa de bom senso já percebeu que é um ensino muito pobre, muito empobrecido. Se o país estiver precisando de pensadores é preciso que eles pensem. E os pensadores não são para ganhar mídia, não são para ganhar publicidade, não são para dinheiro e ter sucesso; são para criar a possibilidade de fazer surgir novas pessoas que sejam capazes de pensar nos problemas contemporâneos, que vão ser a luz do pensamento crítico, do pensamento sensato, do pensamento ético (que, aliás, a maior parte das pessoas que fala sobre isso não sabe nem o que significa e nem de onde vem e para onde vai). Nós estamos no momento em que a própria condição humana é posta em risco. Quem somos nós? Estamos mais empobrecidos, estamos mais violentos, confundimos prazer com amor, confundimos gênero com condição humana, confundimos justiça com o interesse, confundimos progresso com consumo, fazemos milhares de confusões porque não há uma Ilustração. Não que eu seja do Iluminismo; eu acho que ele é útil em algumas circunstâncias; ele serve para mostrar, pelo menos, os exageros. Acho que a filosofia andou muito para se perder em tão pouco. Se é para falar em perspectiva, acho isso: penso que é o momento! Todas as ditaduras foram o berço grandioso dos grandes pensadores; todas as pressões serviram para acordar os homens de bom senso; e agora homens e mulheres, pois eu não costumo achar que muda alguma coisa dizer “elas e eles”; para mim homens são seres humanos, destinados a desenvolver o seu talento e a sua capacidade de governar-se e de governar o mundo (não destruí-lo!), não necessariamente os outros. O primeiro momento é esse: se o país tem problemas é o momento de assumir nosso compromisso de pensar, e pensar bem, com critério. E devemos formar os pensadores na universidade: se não vai formar onde? Penso que se deve também trabalhar nas comunidades, nos bairros, nas associações de entidades; todas elas devem primar pelo zelo da formação humana, formação ética e política, porque senão dá nisso daí: irão governar aqueles que acham que Estado é apenas um estado de poder, um “eu decido”, “eu mando” e vocês têm que me respeitar, assim como minhas decisões. Uma Filosofia que não encare diretamente os problemas da comunidade e do mundo em que as pessoas vivem não tem sentido! Pensar por pensar se torna inútil, assim como sempre se falou sobre a Filosofia. Ela não é

inútil: ela identificou o mundo, ela nominou o mundo, ela o classificou, criou essa virtuose do universo virtual; ela deu suporte a todas as grandes áreas do conhecimento e, sem ela, elas empobrecem e se perdem. A discussão filosófica cabe em todas as áreas. Os médicos têm 30 [horas/aula] de Ética em todo curso de medicina; o que vocês acham que vai formar? Os professores têm uma Ética que não é trabalhada na direção do ensino e da aprendizagem, da sua responsabilidade na formação humana; ou seja, fica em suspenso o que vai resultar. Formamos pessoas acostumadas a recortar textos, sem nem ter nunca lido uma obra inteira ou confrontado, comparado a obras diferenciadas. Existem professores que fazem os alunos se apaixonar pela sua ideia e criam míopes, pessoas de uma ideia só, incapazes de abrir os olhos, os ouvidos e a boca para falar da multiplicidade, da pluralidade e da diversidade; e de se perguntar sobre os seus fundamentos e seus limites. O mundo está em risco, a humanidade está em risco, com todo o caos é a hora da mudança, estamos num total desgoverno. E falar não resolve, é preciso tomar atitudes e correr o risco. Haverá mudanças, com nossa participação ou não. A Filosofia e os filósofos foram os grandes sacrificados nas grandes ditaduras. Se não temos coragem, nem capinar podemos mais, vamos varrer rua. Não que isso seja depreciativo, mas se não pudermos fazer melhor... Essa é minha ideia, nunca vi a filosofia florescer em lugares perfeitos, porque não existem esses lugares. Nunca vi pessoas de completo sucesso se tornarem bons pensadores: eles pensam segundo interesses, segundo o momento, segundo a mídia, segundo o programa, segundo a vantagem. Então, à Filosofia, aos filósofos, aos pensadores que ainda têm respeito próprio, cabe o risco de tomar uma atitude. O caminho é simples: pôr as grandes teorias para os problemas contemporâneos e testar a sua capacidade de resolvê-los; se não são capazes devem ser abandonados; mas primeiro eles têm que ser conhecidos para poderem ser abandonados. Primeiro têm que ser conhecidas todas as linhas do pensamento para poderem ser aplicadas, testadas em sua validade de resolver problemas. Acredito que uma das questões da filosofia, já que ela criou o mundo, nominou, discriminou e deu suporte a todas as grandes linhas da ação humana, é que ela pode ajudar a consertar, se ela ajudou a errar. Isso é um plano longo e é para sempre, não é para hoje; é para amanhã e nós vamos ir e vir. A humanidade não cresce por igual, não se expande por igual, existem homens vivendo ainda na pré-história, como existem homens vagando no espaço já. A distância é imensa, então não se pode, no país como o nosso, dar o mesmo tratamento de todos os outros lugares, mas os problemas são comuns, a miséria continua, a pobreza continua, a violência continua, a exploração continua, criam-se constantemente novos consumidores, para consumir o quê? Ideias, *fake news* e coisas sem sentido. Quando não há nada e não se podem encher as cabeças de coisas boas se enche de coisa ruim. Eu me lembro da minha adolescência: comecei a ler gibi e muita fotonovela e minha mãe dizia: “deixa essa porcaria de lado”. E aí eu questioneei

minha mãe e disse: “mas se eu não ler porcarias, como vou saber que são porcarias?” É essa a grande questão: se não dermos a conhecer tudo o que já foi produzido minimamente com fundamento e critério, como alguém pode optar por pensar criteriosamente ou por se comprometer com coisas que não pode sustentar ou não pode usar para melhorar sua condição da vida e resolver seus problemas? Sobre a universidade: se há uma universidade usada como empreguinho, com profissionais que vão lá para se auto vangloriar... Eu fiz uma pesquisa uma vez sobre o ensino no Ensino Médio; depois eu a estendi numa pesquisa mais sigilosa para o terceiro grau. E descobri onze tipos de professores, mas basicamente quatro: os que vão lecionar para se autovangloriar e fazem tudo muito bonito, muito espetacular, cheio de tecnologias, são muito doces, muito lindos, vão bem arrumados e no fim não sobra nada; são os que se autovangloriam, trabalham em cima do autolouvor; há aqueles que trabalham muito, mas muito mesmo e eles fazem de tudo para os alunos: se sacrificam em prol destes e acaba em nada, apenas no respeito pelo trabalho que os alunos têm por eles; aqueles que pegam um problema da realidade e discutem à luz de fundamentos e critérios são muito poucos, em geral na História se encontra um a cada meia dúzia. Nas áreas científicas há muita irresponsabilidade também porque os processos são interrompidos: se espera que o governo mande, que o governo decida, que os materiais venham e não se criam os materiais, não se usa o que está disponível, porque a ciência se produziu do nada! A filosofia é produzida em cima do nada, tudo que foi dito sobre matéria-prima, material didático, pedagógico, psicológico, tudo são criações humanas e se são criações humanas estão disponíveis; não precisa de recursos, no sentido genérico. É preciso recursos, mas eles podem ser criados constantemente. Tenho feito isso como artista e venho fazendo isso como pensadora. Usar o que está disponível; a poesia, por exemplo, para ensinar Filosofia: por que não? A Arte para ensinar Filosofia, mas não uma coisinha qualquer, no momento qualquer e solto; o problema é o de continuidade, o problema é de aprofundamento, de critério. Os próprios professores não conhecem as linhas do pensamento humano, nunca foram colocados em confronto, nunca as utilizaram para coisa alguma. Mesmo as aulas com PHDs são aulinhas. Não estou julgando todo mundo; há muita coisa nesse sentido, por isso que a situação é essa. Não estou nominando; tive ocasião de ver, ouvir e estar junto com pessoas que fizeram, como estive em ocasiões de pessoas que não eram tão diplomados e tão certificadas e fizeram trabalhos grandiosos. Vi pessoas que carregaram nas costas a sua área, a sua disciplina em todos os lugares que foram; estes são elogiáveis, mas são tão poucas. É preciso continuar a luta, de qualquer modo. Então, qual é o desafio da área? Utilizar o conhecimento acumulado, a tecnologia criada, tudo que já se fez, para resolver os problemas contemporâneos. Se não servir para isso não serve para nada. Por isso nós não temos o encanto dos alunos: eles preferem usar uma droga para

amortecer o pensamento ou acordar os desejos. É preciso discutir até a nossa condição, o excesso de violência. Estamos tomando os pés pelas mãos e é preciso discutir isso de novo. Penso que é por aí que devemos ir; eu fiz isso; acho que fiz bem e não fiz mais porque não pude, porque muitas vezes estive sozinha também. A universidade ou se reinventa... e se reinventar significa retomar seus fundamentos e seus critérios, suas motivações, seus propósitos, porque o propósito da Filosofia é eterno, é fazer homens melhores, pensadores críticos, sensatos, capazes de enfrentar os problemas do seu tempo e das circunstâncias. Se há uma área do conhecimento que pode fazer alguma coisa é a Filosofia, porque os outros são extremamente limitados e muito restritos a coisas específicas. Já a Filosofia é tanto o trabalho do genérico quanto do específico: ela transita por todos os lugares, por todos os altares, por todos os poderes, por todas as experiências, por todas as emoções, porque foi ela que, em geral, deu suporte para tudo isso e criteriosamente discriminou. Hoje se acha que discriminar é um problema, mas discriminar também é uma forma de conhecer; é uma forma de pôr as coisas nos lugares para depois torná-las mais hábeis e senhoras de si para que possam enfrentar o mundo. No Ensino Médio eu penso que se deva voltar aos projetos, pois eles encantam as crianças. Devemos discutir os problemas da adolescência: os problemas do prazer, os problemas do amor, os problemas da dor, a questão do trabalho (um homem não vale só pelo que trabalha...); o que é um direito? “Todo mundo tem direito”, mas de onde é que vem o direito e como o direito se sustenta? Acho que no magistério deveriam se trabalhar as questões da justiça, a questão da pobreza, a questão do desemprego, mas mostrar o que é um trabalho, o que é um direito, pois “todo mundo que nasce tem direito”, mas explicar o que o sustenta, de onde vem e para onde vai. O Estado tem que sustentar esse direito: quem dá o direito? Quem toma o direito? Quem tem o direito? De onde é que ele nasce, como se sustenta? Houve período em que existiam projetos políticos, projetos de justiça, estudo do direito, projetos de arte, projetos de ciências e eles deram muito certo; e acredito que é por aí. Você não vai fazer com que todo mundo goste e não é esse o propósito; você vai fazer com que tenham a capacidade de julgar suas ações, de assumir suas responsabilidades, de encontrar fundamentos para os seus desejos, para suas ideias, para suas ações, que encontrem justificativas para suas decisões. Se a Filosofia não puder prover isso ninguém mais pode, porque não há na Filosofia horizonte senão como intuição, como ideia e como experiência. O seu horizonte é o pensamento, o pensamento livre, aberto, mas que parte sempre do que já foi dado para que isso seja entendido e superado, como diz o pessoal, ou entendido e assumido como responsabilidade, ou mudado, porque o mundo é muito propício a isso. As mudanças são muito velozes; estamos desprevenidos, despreparados. Inclusive usar absolutamente a tecnologia, se se pode ir mais longe e mais rápido e se se deve ir mais longe e mais rápido, porém, sempre com suporte, sempre com

fundamento, sempre com um propósito definido, que se saiba de antemão por que se faz aquilo. O Ensino Médio pode muito bem ir por esse caminho: nada que dure muito, nada que demore demais, porque as crianças não têm tempo. Aliás, elas têm tempo, mas elas não sabem que o têm: estão preocupadas consigo mesmas, graças ao excesso de individualismo; e é isso que cria a multidão e a multidão facilita a disseminação de ideias sem fundamento, de algo que arrebanha fácil, mas assim como arrebanha, perde. Poucos continuam na luta se as ideias não tiverem fundamentos. Eu acho que a Filosofia precisa de novo de paixão: um crítico apaixonado resolve muito, um poeta apaixonado resolve muito, acho que deve se usar todos os meios. Acredito que falta muita paixão! Não se estuda mais, não se lê mais, não se debate mais. Acho que os debates precisam ir para as ruas, para as praças; e as pessoas não querem mais se comprometer, não querem ser queimados na praça, nas piras. Hoje não se queima mais as bruxas, mas se mata do mesmo jeito: com as drogas, com os tiros, com as milícias. Vai se morrer do mesmo jeito: por que não com um pouco de dignidade? Se não se pode viver com dignidade, pelo menos se morra com ela, melhor do que se estar morrendo sem nenhum reconhecimento nem registro. Os tiros são dados à revelia, a violência é multiplicada sem medida. Estamos com problemas. E sempre a solução está no bojo do problema: é preciso estudar o problema, verificar onde ele nasce, por que nasce e fazer as perguntas clássicas: *onde; quando; como; quem; por quanto tempo; para quê; por que aparece; por que desaparece*. Essas são as perguntas clássicas que eu sempre utilizei. E continuar investigando o fundamento da investigação, o caminho da investigação, pois o método principal é a pergunta. Sem pergunta não há resposta; e quem pergunta já tem, de certo modo, a gênese da solução, da resposta.

A Revista Diaphonía agradece ao aceite do convite da entrevistada Edy Braun, e também a sua participação conosco nessa segunda edição inédita de 2020.